

SEXUALIDADE DOS JOVENS DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA EM BELO HORIZONTE

**Vera Maria Passos Wanderley Dias – Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP/
Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-Minas**

RESUMO

Esta comunicação engloba parte da dissertação de Mestrado “Jovens da Renovação Carismática Católica (RCC) em Belo Horizonte: Mãe da Igreja e Nossa Senhora Rainha”, com enfoque no trato da sexualidade dos dois grupos de jovens entre 15 e 29 anos entrevistados para a pesquisa realizada. A relevância desse estudo revelou-se na constatação do grande número de jovens atraídos em Belo Horizonte pela RCC, que procura imprimir um modelo de jovem que busca a santidade e tenta controlar a sexualidade segundo preceitos religiosos, com um extenso trabalho de evangelização utilizando principalmente a música e a mídia. O arcabouço teórico foi embasado nos estudos de Émile Durkheim, Peter Berger e Danièle Hervieu-Léger sobre religião funcionando como organizador social e fonte de sentido; Brenda Carranza e Cecília Mariz sobre a RCC enfatizando o segmento jovem e apresentando ao mesmo tempo elementos tradicionais em seu conteúdo e modernos em suas práticas; Marília Sposito e Regina Novaes sobre juventude, entendendo juventudes no plural devido à complexidade do conceito, embora o recorte de faixa etária tenha sido feito conforme critério da Secretaria Nacional de Juventude; Michel Foucault, Mary Douglas e Luiz Fernando Dias Duarte sobre sexualidade e as consequências das tentativas de repressão e controle sobre a mesma; além das idéias sobre modernidade de Zigmunt Bauman e Georges Balandier de que vivemos em um mundo fragmentado, cujas fronteiras são borradas e indefinidas, dificultando a definição dos jovens na construção de suas identidades e do seu papel na sociedade.

Para buscar entender o comportamento dos jovens carismáticos das duas paróquias da Arquidiocese de Belo Horizonte escolhidas para estudo, priorizando os relatos sobre sexualidade nessa comunicação, fez-se a opção metodológica por múltiplos recursos técnicos, principalmente observação participante envolvendo celebrações, festas, reuniões e eventos, bem como a utilização da técnica da história oral temática em 32 entrevistas, para se obter uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo e permitir uma abordagem sócio-antropológica do tema com enfoque etnográfico.

Apesar da tentativa da RCC de imposição de um modelo ideal de jovem, os jovens carismáticos dos dois grupos estudados em Belo Horizonte ora vão seguir, ora vão negar ou negociar os preceitos religiosos. Essas tomadas de posição, principalmente concernentes à sexualidade, não vão interferir na pertença religiosa, mesmo que contrariem as normas católicas. Evidenciou-se assim a constatação de que aquilo que leva os jovens aos grupos carismáticos é o sentimento de pertencimento, entretanto, o que rege seu comportamento, é, de fato, a escolha individual.

Palavras-chave: Juventude, Sexualidade, Renovação Carismática Católica

Minha dissertação de Mestrado teve como objeto de estudo dois grupos de jovens de 15 a 29 anos da Renovação Carismática Católica (RCC), pertencentes a duas paróquias da Arquidiocese de Belo Horizonte da região centro-sul, a Nossa Senhora Mãe da Igreja (MDI) e a Nossa Senhora Rainha (NSR). Para a presente comunicação, reproduzirei aqui, com pequenas modificações e novos comentários, a parte do estudo referente à sexualidade (DIAS, 2010) e não detalharei os aspectos teórico-metodológicos gerais constantes no resumo. A pesquisa realizada entre 2008 e 2010 revelou que nesses grupos, o trato da sexualidade está intrinsecamente ligado ao comportamento e às orientações das lideranças leigas.¹ Para Bauman, (2003:24), “*A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança*”. Ao escolher a segurança de pertencer ao grupo carismático, os jovens estão abrindo mão da sua liberdade, pois sabem que no grupo há normas a seguir, que os diferenciam dos não membros. Essa diferença se torna mais evidente ao analisarmos o comportamento com relação à sexualidade dos jovens carismáticos, a começar por eles mesmos chamarem os outros jovens que não pertencem ao grupo como sendo “do mundo”. Isso significa que eles não fazem parte do mundano, do profano, do que não é vida santa, revelando o que para Eliade (1965:42) se configura como o “*desejo do homem religioso de se mover unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado*”, e que poderia explicar a fala de um dos coordenadores leigos da NSR:

Fala-se muito sobre o pecado e há orientação para os jovens para não entrarem em bebedeira, drogas, para não ficarem com dez meninas na mesma noite, essas coisas. Para os meninos de 10, 12 anos falamos sobre beijo na boca, para respeitar as meninas. Para os de 13, 14 e 15 anos já falamos da castidade e promovemos o namoro santo. Orientamos os jovens para procurar amizades de preferência na Igreja e não no mundo. (Rodolfo, 16).

A implantação do padrão moralizante da RCC pelos coordenadores, revelada na fala de Rodolfo, faz com que a sexualidade apareça mais veladamente nas entrevistas, mas quando questionados sobre o namoro santo, os jovens não têm vergonha de assumir sua castidade. Entretanto, dentre os que não seguiram esta norma, alguns parecem envergonhar-se por não terem conseguido permanecer virgens até o casamento e evitaram falar desse assunto nos seus

¹ Liderança leiga característica marcante dos grupos da RCC, entendida como não clerical.

relatos. A RCC atrai um grande número de jovens em Belo Horizonte, com um extenso trabalho de evangelização utilizando principalmente a música e a mídia, procurando imprimir um modelo de jovem que busca a santidade e tenta controlar a sexualidade segundo preceitos religiosos. Contudo, existem jovens atuantes na RCC que tem outra postura, como André (18), da MDI, que mostra uma independência de comportamento frente às normas da Igreja:

Eu tenho a ideia sobre sexualidade bem pessoal, independente do que a Igreja em si prega. Eu acredito sim que devemos valorizar o nosso corpo e não dar acesso a ele pra qualquer pessoa com que você se relacione, mas na medida em que você estabelece um relacionamento em que se descobre um afeto grande um pelo outro (normalmente no namoro) e você sabe que entre os dois há mais sentimento do que o desejo, a relação sexual acontece naturalmente, e eu não vejo problema nisso. Não acho que o sexo precisa ser necessariamente depois do casamento.

André não está sozinho. Vários participantes do grupo carismático têm vida sexual ativa, a maioria decorrente da evolução de um namoro que começou dentro do próprio grupo. Alguns não aguentam a pressão e saem do grupo, mas muitos permanecem, geralmente por acharem que o seu namoro vai chegar ao casamento e se sentem assim justificados. Corroborando essas observações, uma pesquisa do Ibope em 2007 revelou que dentre 1268 jovens católicos brasileiros 79% deles discorda da frase “As pessoas só devem ter relações sexuais após o casamento”, 96% concorda “Com o uso da camisinha para evitar a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis” e 88% concorda que “Uma pessoa pode usar métodos anticoncepcionais e continuar sendo uma boa católica”.² Mesmo entre os jovens carismáticos que se declaram virgens, encontramos diferentes opiniões, como mostra parte da entrevista de Fernando, que completou 18 anos em 2010, e em seguida o relato de Fabíola, da mesma idade:

Até que ponto viver sua sexualidade te afasta de Deus? Se você vê isso como um pecado muito grande então não faça. Se você não

² Fonte: IBOPE/2007, para Católicas pelo Direito de Decidir, CDD-BR, novembro, dezembro de 2006 e janeiro de 2007. Disponível em www.ccr.org.br/uploads/noticias/pesquisa_Jovens.pdf Acessado em 15/03/2010.

acredita que vai te atrapalhar, te afastar de Deus, então não tem importância. Eu nunca namorei, mas vai depender do meu namoro como vamos viver isso. Independente de namorar alguém de dentro ou de fora da Igreja, nós vamos definir tudo juntos. Quando você namora alguém da Igreja você considera a possibilidade de viver a castidade e quando namora alguém de fora, na maioria das vezes não considera. Acho errado quem se fecha só para a Igreja, porque você tem que ter noção do mundo senão não passa para os meninos o que é a realidade.

Fernando deixa claro que as próprias vivências ou as dos amigos, dentro ou fora do grupo, são mais determinantes sobre sua sexualidade do que as normas da Igreja, o que pode ser explicado segundo Pierucci (1978:7) quando aponta que:

Ser católico (mesmo praticante) e desobedecer às normas da Igreja não são realidades que se excluem mutuamente; colidem, muitas vezes, mas se misturam sempre, em uma grande variedade de modos, na vida e no auto-reconhecimento dos diferentes grupos de fiéis.

Como contraponto, vamos conhecer a opinião de Fabíola, participante do mesmo grupo de jovens carismáticos de Fernando:

Bom, esse assunto é sempre falado na Mãe da Igreja e pela RCC, até mesmo porque a Renovação atrai muitos jovens e na adolescência esse assunto é necessário. Antes de ter essa formação pela Igreja eu realmente achava que era bobeira, que isso acontecia naturalmente e era uma coisa essencial para um relacionamento, mas depois que tive as minhas primeiras pregações sobre o assunto a minha opinião foi mudando. Acho que esperar um, dois, três ou até quatro anos antes de ir pra essa etapa não é nada demais. Nesse tempo a relação fica mais madura, cresce, os dois se conhecem, se respeitam e se gostam além do sexo e prezam pelo relacionamento. Se for amor mesmo não tem por que não esperar, porque um dia eles irão casar e vão ter o resto da vida pra ter relação sexual e não vai acontecer da mulher pensar: será que ele gosta mesmo de mim ou será que está namorando comigo só para isso? Eu vivo sim na castidade e tenho um ano e meio de

namoro! Sou muito feliz com a minha opção, sou virgem e o meu namorado também. Isso tudo foi conversado e é uma opção dos dois.

Foucault (2007:17), quando trata da sexualidade, destaca “o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade”, como relatado por Fabíola ao falar da influência das pregações no seu comportamento. João Henrique (18), também da MDI, explica as diferentes posturas no grupo:

A MDI, por ser católica, prega a castidade e o sexo só depois do casamento. A RCC por se voltar principalmente para os jovens e ser católica vai pregar também, mas sabe que é difícil. Então falamos sobre saber respeitar o corpo, orientamos seguindo os preceitos da Igreja Católica, mas entendemos que vai ser uma questão de escolha pessoal, então não discriminamos quem não segue. Já na Canção Nova³ a orientação é mais rígida. Na MDI tem gente que segue a castidade e tem gente que não segue, mesmo entre os coordenadores.

Essa fala confirma a afirmação de Novaes (2005:283) de que “os preceitos religiosos que circunscrevem o sexo ao casamento não têm um peso decisivo para interditar o exercício da sexualidade dos jovens desta geração”. Giovana (24), que coordena os grupos de jovens que trabalham com crianças na MDI vai trazer na sua fala o que Novaes chama de tomadas de posição (o que pensam), que são distintas das práticas (como se comportam):

Sobre a castidade, acho que ela é um dom dado por Deus, pelo Espírito Santo. É um chamado, mas também é um dom. Não acho que seja mais cobrado ou menos cobrado na MDI que em outras comunidades. O corpo é um templo do Espírito Santo e a castidade é um chamado para toda a Igreja, paroquial ou comunidade de vida.

³ A Canção Nova é uma comunidade carismática católica fundada em 1978 pelo monsenhor Jonas Abib em Cachoeira Paulista, interior de São Paulo, que busca evangelizar pelos meios de comunicação de massa e livros de editoração própria, além de pregações em shows, retiros e acampamentos. Os dois grupos estudados participam de vários eventos promovidos pela Canção Nova e utilizam suas publicações para evangelização.

Pode parecer que na Canção Nova, por exemplo, é mais cobrado, mas é porque lá é uma comunidade de vida consagrada, diferente da MDI. Entendo que o despertar para cada pessoa é diferente e não podemos falar que quem não segue a castidade não é digno do Espírito Santo. Como tudo mais, vai ser despertado na caminhada de cada um e é isso que faz a diferença.

Conversei também com um jovem de 18 anos que fez parte desse grupo da MDI e saiu por achar que ali havia muita falsidade, pois conhecia jovens que diziam seguir a castidade porque estavam na RCC e ele sabia que não era verdade, por conhecê-los fora do ambiente da Igreja. Esse relato faz lembrar Mary Douglas, quando ela afirma que *“Toda vez que um rígido modelo de pureza é imposto em nossas vidas, ou ele é muito desconfortável ou, se rigidamente seguido, conduz à contradição ou à hipocrisia”*.⁴ Os depoimentos sobre o trato da sexualidade e sobre as orientações que são dadas na Igreja fazem refletir sobre as diferentes posturas dos jovens carismáticos, que na sua maioria não entendem ser conflituoso afirmarem pertencer ao grupo religioso independente de seguir ou não suas orientações. Encontramos assim uma tensão entre a hierarquia oficial da ICAR e a autonomia dos leigos que fazem parte da RCC. Duarte (2005:141) vê essa questão da seguinte forma:

[...] as comunidades religiosas não dispõem de meios coercitivos explícitos de exigência de um comportamento prescrito (sobretudo no nível privado ou íntimo). Isso significa que a continuidade de um “pertencimento” ou “adesão” não significa necessariamente a obediência aos ditames doutrinários ou pastorais.

Na prática, os jovens vão aderir aos ritos sagrados, que consideram importantes para seu desenvolvimento espiritual, mas vão decidir sobre seu comportamento, sobretudo no que tange à sua sexualidade, de acordo com o que as suas próprias experiências e aquelas que outros jovens de suas relações vão revelando. Para Teixeira (2008:72)

[...] o elemento de continuidade entre o passado e o presente deve ser sempre dinamizado pela incorporação das inovações e reinterpretções, em função dos dados do presente. Não ocorre uma

⁴ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, p. 198, 1966.

ruptura da preservação do código de sentido anterior, mas há uma alteração nele. Entender a tradição de forma estática é esvaziá-la de seu conteúdo de reinvenção permanente. Com a mudança do papel da tradição, uma nova dinâmica social vem introduzida, e, com ela, a exigência de um modo de vida mais aberto e reflexivo.

Dessa forma, uma aparente homogeneidade do grupo carismático observada nos contatos iniciais foi tomando a dimensão do real e mostrou outras facetas, importantes para o entendimento das formas de apreensão dos conteúdos religiosos e suas interfaces com o cotidiano dos jovens da RCC em Belo Horizonte. Machado (1996:153) já apontava que apesar de várias pesquisas sobre os movimentos de leigos católicos enfatizarem o “*caráter conservador e repressivo no campo da sexualidade*”, o início de seu trabalho de campo trouxe surpresas por fornecer “*indícios de mudanças no comportamento dos fiéis*”. Ao observar os grupos de jovens da MDI e da NSR por mais de um ano, também ficou muito claro esse processo, que outro trecho da entrevista de Fernando (18) vem explicitar:

Tem orientação teórica sobre sexualidade na Crisma (onde este ano sou um dos coordenadores). Os coordenadores mais velhos têm alguma experiência e falam na pregação para os jovens. Você encontra na MDI pessoas que vivem e pessoas que não vivem a castidade. Vivendo ou não, eles passam o certo, o que a Igreja pede na teoria. Com a convivência na MDI você vai ficando amigo das pessoas e elas contam as experiências delas e então você pesa a parte teórica e a convivência e escolhe o que vai seguir.

A fala de Fernando mostra que a vivência da sexualidade pelos jovens carismáticos está ligada ao comportamento dos coordenadores leigos, que servem de modelo para a construção de suas identidades. Aparece também em outras entrevistas que os líderes leigos fazem o que Duarte (2005) chama de “negociação da realidade”, onde apesar de pregarem os preceitos da doutrina católica vão vivenciar de maneira individual e por escolha pessoal o trato da sexualidade. O testemunho de João Henrique (18) exemplifica bem este ponto:

A minha Crisma foi em 2007, com o lema “ser diferente, ser de Deus”, e o coordenador me marcou bastante e ele é um cara que

segue a castidade. Então eu seguia também, fiquei dois anos sem ficar com ninguém, porque eu queria ser santo. Namorei uma menina da MDI e a respeitei sem problema, os dois virgens e tudo mais. Mas depois andei um tempo afastado da Igreja e aí teve axé, já viu, ferrou tudo, aí foi. Bom, agora estou de volta, e voltei a ser casto. Este ano deixei a Perseverança e servirei como monitor da Crisma e também no “Filhos de Davi”, então a responsabilidade é muita. Tem coordenador que prega e não vive a castidade, eu quero pregar o que eu vivo, então agora estou nesse caminho, na santidade.

Dessa maneira, como aponta Duarte (2005:144), “A ideia de uma “negociação da realidade” sublinha a qualidade complexa, conflitiva ou contraditória do horizonte de possibilidades em que se movem os sujeitos das sociedades modernas em suas decisões éticas”. Além disso, como pontua Foucault (2007:57), “a moral sexual sempre faz parte do modo de vida, ele próprio determinado pelo status que se recebeu e as finalidades que se escolheu”. Assim, os jovens carismáticos solteiros participantes deste estudo vão assumir um padrão de comportamento no trato da sexualidade de acordo com suas prioridades, ora como exemplo de conduta moral católica, seguindo a castidade, ora exercendo sua liberdade de escolha, não seguindo.

A despeito dessas contradições, pode-se inferir pelas entrevistas um modelo ideal de jovem que é passado como desejável pela RCC e pela Igreja. Foram selecionados alguns trechos retirados das páginas da RCC na internet por evidenciarem esse modelo de jovem que a RCC quer nas suas fileiras e que é difundido pelos meios de comunicação de massa. Antes de apresentar o primeiro trecho, cabem algumas explicações prévias sobre seu autor e sua proposta. Trata-se de Dunga, um missionário leigo da aqui já referida Comunidade Canção Nova e o PHN, “por hoje não vou mais pecar”, seu programa na TV Canção Nova, que é dirigido aos jovens e que prega a castidade, o namoro santo propagado pela RCC (sem troca de carícias ou atividade sexual) e a vida dentro dos preceitos religiosos católicos. O trecho selecionado faz parte da pregação de Dunga durante o acampamento PHN – 11 anos, que foi realizado na Canção Nova em 04 de julho de 2009, com o título “Jovem, sê forte e corajoso”.⁵

Vamos a ele:

⁵ Texto completo disponível no portal da Canção Nova em “eventos”, acessado em 09/09/2009. Cf em <http://www.cancaonova.com/portal/canais/eventos/novoeventos/cobertura.php?cod=2294&pre=6098>

Sexo é uma das coisas mais gostosas do mundo, mas sexo demais esgota a carne. Quando estamos solteiros, nos embriagamos e precisamos de força da alma, dos sentimentos. Quando você se embriaga no sexo, está gastando algo que será precioso no seu casamento. É preciso aguentar, segurar, manter o controle. Para isso, você precisa de coragem e quem vai lhe dar essa coragem é o Espírito Santo.

Durante os eventos, bem como no seu programa na TV, Dunga procura mostrar testemunhos de jovens que vivem a castidade e exorta os outros jovens a seguirem esse caminho. As pregações são nos moldes de grupos como os alcoólicos anônimos, substituindo o comando “hoje não vou mais beber” por “hoje não vou mais pecar”, no esquema passo a passo com forte apelo emocional e suporte da comunidade religiosa. Pregações do PHN são feitas também em datas importantes como o “réveillon” e o carnaval, numa demonstração de força dos jovens carismáticos que deixam de comemorar essas festas em outros locais para se reunirem em oração e confirmarem publicamente sua opção pela castidade. Além da permissão do sexo só após o casamento, os jovens são orientados para não fazerem uso de bebidas alcoólicas, cigarros ou drogas. Como exemplo dessas orientações, reproduz-se aqui parte do texto “Como viver a castidade no mundo erotizado”, encontrado na página da RCC Jovem:⁶

A lei de Deus afirma que o sexo só deve ser vivido no matrimônio; não há outro lugar para a vida sexual. "A mulher não pode dispor do seu corpo: ele pertence ao seu marido. E também o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa" (1 Cor 7,4). Note que São Paulo não fala em namorados e noivos, mas esposa e marido.

Este texto, assinado por Felipe Aquino, mostra como a mulher é vista pela RCC e qual o comportamento que se espera especificamente dela, refletindo uma séria questão de gênero que aparece mais dramaticamente num outro trecho do mesmo texto:

⁶ Texto completo disponível em <http://www.rccjovem.com/nossas-formacoes/25-relacionamento-com-o-outro/105.html> acessado em 09/09/2009.

É preciso lembrar às moças que o homem se excita principalmente pelos olhos. Então, cuidado com a roupa que você usa; com os decotes, com o comprimento das saias... **Não ponha "pólvora" no sangue do seu namorado se você não quer vê-lo "explodir"**. O namoro não é o tempo de viver as carícias matrimoniais, pois elas são o prelúdio do ato sexual, o qual não deve ser realizado nessa fase. O que precisa haver entre os namorados é carinho, não as carícias íntimas. Muitas vezes os casais não se dão conta disso. Não provoque seu namorado.

No mesmo portal do Ministério Jovem da RCC Brasil, na sua página inicial, há uma chamada com os seguintes dizeres:

É chegada a hora de nos levantarmos, de denunciarmos a implementação de instrumentos legais no ordenamento jurídico brasileiro em desacordo com a Palavra de Deus. Um deles é o Projeto de Lei nº. 1135/91, que tramita na Câmara dos Deputados, visando à descriminalização do aborto, com o agravante de que até a 12ª semana de gestação seja assegurada a cobertura deste crime pelo SUS e pelos planos de saúde do Brasil.

Fica bastante clara a ideologia conservadora por trás dessas palavras fortes, tanto no texto de Felipe Aquino quanto na chamada acima, revelando certo fundamentalismo religioso, pelo seu rigor, autoritarismo e impossibilidade de escolha ou diálogo, além da velha questão da Igreja querendo intervir nas matérias do Estado, que é laico. As orientações dessa linha de pensamento, fechada e tradicional, são passadas para os jovens carismáticos da pesquisa realizada, pois além de serem submetidos a elas nas suas paróquias, através dos padres e ministros leigos, eles vão constantemente aos encontros promovidos pela Canção Nova e outras comunidades carismáticas. Além de frequentarem os próprios retiros e eventos da sua Igreja, acorrem aos shows dos padres cantores e bandas carismáticas e também estão sujeitos às pregações veiculadas pelo chamado catolicismo midiático, que se faz cada vez mais presente na vida desses jovens. Todo esse bombardeio busca levar os jovens a formar um padrão de comportamento que reproduz a normatividade da Igreja Católica sem deixar espaço para reflexão, embora muitos depoimentos apontem que estar nesse grupo religioso é uma

questão de escolha pessoal, que pode ser modificada. Entretanto, as palavras de Thais Paiva, uma das entrevistadas da paróquia Nossa Senhora Rainha, revelam a modelagem sofrida pela jovem de 16 anos a partir de sua conversão na RCC: *“Aqui mudou meus hábitos, meu jeito de pensar e como todo mundo me vê, porque agora Ele está em mim.”* Podemos inferir que a partir da conversão muitos desses jovens vão seguir os preceitos religiosos católicos, entregando-se sem maiores questionamentos a essa nova vida, que os carismáticos denominam renovada, deixando sua própria vontade e desejos para viver a vida santa do modelo idealizado de jovem da RCC. Pode-se afirmar que de modo geral esses modelos que buscam a santidade são vividos e reproduzidos pelos coordenadores leigos, que por sua vez serão os modelos a serem seguidos e copiados pelos jovens carismáticos, que vão ser passados para outros jovens através da evangelização. Convém lembrar que a questão do sexo permitido somente após o casamento e para fins de procriação envolve a proibição do uso de camisinhas ou qualquer método contraceptivo, além de radicalizar a questão do aborto, posicionando-se contra essa prática em qualquer circunstância. Os homossexuais são aceitos no grupo apenas se mantiverem a castidade, ou seja, não podem exercer sua sexualidade. Essas normas rígidas de conduta disseminadas pela doutrina católica podem gerar graves problemas sociais e de saúde pública, afetando a população e desconsiderando a livre escolha dos cidadãos, embora a presente pesquisa tenha apontado que nem todos os jovens carismáticos participantes deste estudo as sigam, corroborando com a reflexão de Duarte (2005:7) de que *“a frequência da congregação ou do espaço religioso envolvido não corresponda necessariamente a um continuado sentimento de compartilhamento dos valores ou crenças específicos aí cultivados”*. Assim sendo, os jovens pesquisados mostram então, como postulou Durkheim (2008:503), que *“as crenças só são ativas quando compartilhadas”* ao partilharem os mesmos ritos sagrados característicos da RCC, na música, nos cânticos de louvor, na oração, nas cerimônias. Mas mostram sua independência de idéias quando convocados a seguir o modelo de jovem idealizado pela RCC, já que seu comportamento vai variar de acordo com suas escolhas individuais, coincidentes ou não com esse modelo. Por isso, o ordenamento da realidade proposto por Durkheim (2008) no que diz respeito à função social da religião, usado como instrumento teórico para análise de vários trechos das entrevistas aqui transcritas, não foi suficiente para abarcar todo o universo encontrado. Foi necessário buscar-se maior aprofundamento, baseado nas colocações de Bauman (1999) e Balandier (1997), que permitiram novas observações nas falas dos jovens carismáticos. Essa abordagem revelou que a RCC traz focos da tensão entre a autonomia do indivíduo e a segurança proporcionada pelo pertencimento à comunidade, similar à tensão discutida por

Bauman entre a liberdade individual e a segurança coletiva. Contrário à linearidade do pensamento funcionalista de Durkheim, Bauman (1999:14-15) traz outra ideia de ordenação, afirmando que *“A existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos. (...) Sem a negatividade do caos, não há positividade da ordem; sem o caos, não há ordem”*. Para Bauman, portanto, o homem é o ser da ambivalência, e ao criar o *não* cria ao mesmo tempo a opção do *sim*: a modernidade líquida e desordenada carrega na sua fluidez o seu contrário, com a possibilidade da mudança, da escolha, como visto nos relatos dos jovens carismáticos acerca da sexualidade. Assim como Bauman (1999), Balandier (1997) sustenta que ordem e desordem são indissociáveis como as duas faces de uma moeda, onde embora pareçam ser uma o inverso da outra estão no mesmo todo. Portanto, *“a inversão da ordem não é seu dismantelamento, pode servir para reforçá-la ou ser um dos seus elementos constitutivos sob um novo aspecto”*.⁷ Dentro dessa concepção de mundo os jovens carismáticos não podem ser vistos então meramente como seres passivos atraídos para o grupo e modelados sem contestação, pois através de suas ações eles também vão moldando e modificando a RCC, como mostra a presença não de padres, mas quase que absoluta de leigos nos postos de liderança. Esses líderes leigos podem casar e ter filhos sem deixar de guiar os grupos de oração e as obras da Igreja, como esclarece Cecília Mariz em entrevista para a revista IHU on-line:

Uma mudança importante parece ser o papel do leigo. As comunidades possuem líderes leigos e, por vezes, casados e com filhos. Acho isso uma novidade. Nessa experiência, a família, filhos e vida sexual não parecem ser um impedimento para a liderança e o crescimento espiritual. Nesse sentido, o projeto das novas comunidades questiona o modelo mais tradicional de igreja.⁸

O questionamento do modelo mais tradicional de Igreja comentado por Mariz se traduz, no caso das comunidades pesquisadas, no crescente número de suas lideranças leigas e nos diferentes posicionamentos no trato da sexualidade.

⁷ Assim descreve Balandier na pg. 121 do capítulo “A desordem se traduz em ordem” da obra citada do autor, “A desordem: elogio do movimento”, de 1997.

⁸ MARIZ, Cecília. O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo. **Revista eletrônica IHU on-line**. São Leopoldo, edição 307 de 08 de setembro de 2009. Disponível em www.unisinos.br/ihu. Acessado em 17/09/2009.

Observou-se no decorrer da pesquisa que na MDI e na NSR alcançam os postos de liderança tanto os homens quanto as mulheres, o que vem a ser uma demonstração do exercício da autonomia dos leigos na RCC, já que na Igreja Católica tradicional as lideranças são de sacerdotes exclusivamente do sexo masculino, que fazem voto de castidade e não podem casar-se. Nas Igrejas que seguem a RCC, embora os padres apareçam no topo de sua estrutura nos organogramas, numa suposta obediência à hierarquia oficial, quem lidera de fato são os leigos, homens e mulheres, numa composição que acaba gerando tensões entre os carismáticos e o institucionalizado. Este conflito pode ser explicado recorrendo-se a autores como Bauman (2003:62), que ao falar da comunidade diz que *“sua criação e desmantelamento devem ser determinadas pelas escolhas feitas pelos que as compõem – por suas decisões de firmar ou retirar seu compromisso”*.

Outro indicador dessa tensão foi identificado e mostrado nesse estudo, pelos depoimentos dos jovens que norteiam seu comportamento não apenas pelas normas da Igreja, mas também pela influência dos outros grupos relacionais, como os de amigos, colegas e professores, principalmente no que diz respeito ao trato da sexualidade, sem interferir na sua pertença. Para Steil (2008:8) *“... as grandes instituições religiosas vão perdendo o controle sobre os sentidos e os bens simbólicos que estão sendo produzidos pelos movimentos que emergem em seu interior”*. Por isso a RCC não pode ser vista como um retorno ao “paraíso perdido”, nem como um grupo harmônico onde não existam contradições nem competições internas. Da mesma forma, o modelo de jovem carismático revelado pelas histórias temáticas não pode ser entendido como um simples retrocesso ao padrão tradicional, pois abre também a possibilidade de uma escolha. Embasando essa afirmação, pode-se recorrer à socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger (2008:34) ao destacar que:

Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são “assunto de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja.

Essa possibilidade de escolha casa com a ânsia da juventude em questionar o que a sociedade apresenta, para buscar sua própria expressão também no trato da sua sexualidade. A juventude da RCC contesta o padrão homogeneizado da sociedade não adotando um modelo

único de ser jovem e valorando um jeito de atuar dentro da RCC, usando a mídia, que apoia a ação dos leigos, homens e mulheres, que poderá abalar a estrutura mais tradicional da Igreja Católica e se configurar na renovação desejada pelos jovens carismáticos. O problema é que os jovens não percebem que a RCC utiliza dessa mesma mídia para propagar o seu modelo de jovem, conservador e padronizado, e que com sua adesão estão divulgando esse modelo, dessa vez sem questionar. Contudo, apesar da tentativa da RCC de imposição de um modelo ideal de jovem, os jovens carismáticos dos dois grupos estudados em Belo Horizonte ora vão seguir, ora vão negar ou negociar os preceitos religiosos. Essas tomadas de posição, principalmente concernentes à sexualidade, não vão interferir na pertença religiosa, mesmo que contrariem as normas católicas. Evidenciou-se assim a constatação de que aquilo que leva os jovens aos grupos carismáticos é o sentimento de pertencimento, entretanto, o que rege seu comportamento, é, de fato, a escolha individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DIAS, Vera Maria Passos Wanderley. *Jovens da Renovação Carismática Católica em Belo Horizonte: Mãe da Igreja e Nossa Senhora Rainha*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira*. In: HEILBORN, Maria Luiza e outros (orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, p.137-176, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1965.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 12.ed. São Paulo: Graal, 2007.

- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.
- MARIZ, Cecília. O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo. **Revista eletrônica IHU on-line**. São Leopoldo, edição 307 de 08 de setembro de 2009. Disponível em www.unisinos.br/ihu. Acessado em 17/09/2009.
- NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* In: ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, p. 263-290, 2005.
- PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. *Igreja: contradições e acomodação: Ideologia do clero católico sobre a reprodução humana no Brasil*. São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1978.
- STEIL, Carlos Alberto. *Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global*. In: MOREIRA, Alberto da Silva e OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, p.7-16, 2008.
- TEIXEIRA, Faustino. *O fundamentalismo em tempos de pluralismo religioso*. In: MOREIRA, Alberto da Silva e OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008.